

# ESTRUTURAS ARGUMENTATIVAS NO *PROLOGO À VERDADEIRA GRAMMATICA LATINA PARA SE BEM SABER EM BREUE TEMPO* (LISBOA 1615) DE AMARO DE ROBOREDO

*Rogelio Ponce de León Romeo*

1. Durante os últimos anos e no quadro de uma abordagem historiográfica, não poucos estudos se têm dedicado à análise pormenorizada dos paratextos – nomeadamente dos textos preambulares – que acompanham as gramáticas. No âmbito da história da linguística portuguesa – sobretudo de Setecentos –, trabalhos paradigmáticos são os elaborados por Filomena Gonçalves (2002; 2004; 2005) sobre os prólogos dos manuais metalexiconográficos e metagramaticais do Português. No atinente à gramaticografia do Castelhana, José Jesús Gómez Asencio (2000a; 2000b; 2002a; 2002b), por sua vez, levou a cabo a mesma tarefa no que se refere aos prólogos das gramáticas da Real Academia Espanhola publicadas nos séculos XVIII e XIX. A abordagem do presente trabalho é diferente, porquanto tentarei elaborar uma proposta de análise do discurso do prólogo da *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breue tempo* (Lisboa 1615) de Amaro de Roboredo. Neste quadro teórico, não seria justo omitir a importância teórica de alguns estudos elaborados a propósito de textos portugueses do século XVII e XVIII. Não posso deixar de mencionar, pelo seu indubitável interesse, a análise linguístico-discursiva que Joaquim Fonseca (2001) fez da *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel Melo, ou o trabalho de objectivos mais abrangentes – mas igualmente interessantes e úteis para o nosso trabalho – que, como tese de doutoramento, defendeu a professora Fernanda Menéndez (1997), assim como outros estudos que a mesma autora realizou sobre o discurso polémico setecentista e oitocentista (Menéndez, 2005). Da mesma forma, já no campo da análise do discurso metagramatical espanhol e missionário, e dos seus textos metadiscursivos, são de grande utilidade os trabalhos de Miguel Ángel Esparza (2004; 2005).

---

\* Este trabalho foi financiado pelo Programa FEDER/POCTI-U0022/2003 da Fundação para a Ciência e Tecnologia

2. No que toca à matéria em análise, vou abordar apenas, como já referi, o prólogo à *Verdadeira grammatica latina*. Sobre este texto, cabe indicar que, afora os elementos constitutivos comuns ou semelhantes aos prólogos e aos textos preambulares de obras metagramaticais, aquele que introduz a *Verdadeira grammatica latina* é elaborado num contexto referencial específico – e mais concretamente pedagógico e linguístico – que condiciona – como é, de resto, habitual neste género de textos – o tratamento e o desenvolvimento dos tópicos. No que toca às obras gramaticais de Amaro de Roboredo – além da *Verdadeira grammatica latina*, o *Methodo grammatical para todas as linguas* (Lisboa 1619) e a *Grammatica latina* (Lisboa 1625) –, o seu modelo – nas vertentes metodológica e linguística – configura-se, no panorama português, como uma das primeiras manifestações – se não a primeira – da gramática racionalista, num contexto epistemológico que poderia denominar-se, segundo a proposta de Juan Luis Jiménez Ruiz, de “paradigma idealista numa leitura opositiva transcronica” (2005, II: 900), até então, insisto, desconhecido na teoria gramatical portuguesa do século XVI e de início do século XVII<sup>1</sup>.

No que diz respeito à análise propriamente dita, cabe referir que a configuração da produção discursiva preambular roborediana pode estudar-se numa tripla dimensão textual: i) segundo a primeira delas – que poderia denominar-se transtextual –, podemos conceber o prólogo em estudo como um texto ainda em construção e que se vai elaborando ao longo dos trabalhos gramaticais do autor; portanto, tratar-se-ia de um texto com sucessivas versões nas gramáticas de Roboredo – consideradas, por assim dizer, “estados” da mesma obra (Ponce de León, no prelo) –, que atinge o limite de complexidade textual na edição da *Grammatica latina* de 1625; ii) a segunda dimensão, por assim dizer, intratextual, considera o prólogo da *Verdadeira grammatica latina* enquanto produção discursiva vinculada argumentativamente a um opúsculo, editado como apêndice à gramática e intitulado

---

<sup>1</sup> Há, no entanto, no quadro dos tratados gramaticais latinos publicados no Portugal do século XVI e de inícios do XVII, duas tentativas – no meu entender, residuais – de introdução de certos elementos teóricos do paradigma logicista: a primeira é constituída pela notável – e pouco conhecida – *In librum quartum Antonii Nebrissensis de constructione decem partium orationis lucidissima explanatio* (Lisboa 1565) do catedrático de gramática da Universidade de Santiago Compostela Álvaro de Cadaval. Segundo pude demonstrar (Ponce de León, 2006b: 1266-1267), na *Explanatio* são introduzidos, pela primeira vez na gramaticografia do Latim em Portugal, certos pressupostos teóricos racionalistas a partir da primeira versão da *Minerua* (Lyon 1562) de Francisco Sánchez de las Brozas. A segunda tentativa – por ventura mais sistemática do que a anterior – aparece na *Arte pera em breue saber latim* (Lisboa 1610) de Pedro Sanches de Paredes (Ponce de León, 2002: 499-507; Ponce de León, 2006a: 63-67).

*Obieções contra esta Grammatica, & repostas a ellas* (Roboredo, 2007[1615]: 120-141), no qual são apresentadas uma série de objecções de tipo gramatical e pedagógico que poderiam ser formuladas pelos leitores, com a correspondente refutação do autor (Ponce de León, 2006a); desta forma, os pressupostos pedagógicos e linguísticos roboredianos aparecem literalmente limitados e argumentativamente reforçados pelos paratextos – prólogo e *repostas* – que o enquadram; iii) a terceira dimensão de estudo – que será a escolhida para o presente trabalho – considera o prólogo da *Verdadeira grammatica latina* como uma produção discursiva veiculadora de uma significação completa e de objectivos comunicativos precisos.

3. Tomando, portanto, como ponto de partida esta última dimensão de estudo, cabe avançar já com os eixos temáticos que vertebram o texto e que fundamentam a tese do locutor; a saber, persuadir os leitores – nomeadamente, os partidários do ensino do Latim pelos *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1572) do P<sup>e</sup> Manuel Álvares<sup>2</sup> – da idoneidade dos modelos pedagógico e linguístico que subjazem à obra, que no texto se configuram como tópicos discursivos e que informativamente se desenham em torno de dois eixos: i) o primeiro, constituído pelos pólos tradição-inovação, situando o Autor, na primeira componente, os elementos constitutivos da gramaticografia latino-portuguesa publicada até à data da edição da *Verdadeira grammatica latina*, ao passo que, na segunda, caberia esperar um posicionamento claro do autor nela; veremos, no entanto, que, provavelmente por causa daquilo que Joaquim Fonseca denomina “credibilização/acreditação”, o locutor parece atribuir-se uma posição de equilíbrio na tensão da dicotomia tradição-inovação; ii) o segundo eixo, enfim, é constituído pelos pólos uso / gramática.

Partindo, pois, da informação desenvolvida a propósito dos tópicos discursivos principais, podemos discriminar na produção em estudo cinco segmentos. No primeiro, por meio de um enunciado de tipo factual em que se caracterizam, como pólos, dois tipos de “fazer gramática”, o locutor não só anuncia, em A2, o seu posicionamento, que, como foi referido mais acima, transmite ao alocutário uma ideia de equilíbrio e de equidistância entre as noções antagónicas “excesso” e “defeito”, as duas conotadas negativamente, em oposição à intenção comunicativa do locutor, marcada pelo verbo ‘fugir’; também nos informa, por meio da convocação da autoridade, da fonte de que se valeu para compor a sua obra gramatical: Francisco Sánchez de las Brozas – o Brocense –, autor a quem Roboredo, por meio da sua identificação com a fonte, posiciona no mesmo ponto de equilíbrio. Inte-

---

<sup>2</sup> Cabe indicar que a gramática alvaresiana foi reformada pelo também jesuíta António Velez e publicada em Évora, em 1599; *recognitio* esta que afastou ainda mais o manual do P<sup>e</sup> Manuel Álvares das gramáticas racionalistas (Ponce de León, 2006: 61-63).

ressa, por outro lado, a equiparação da tarefa do locutor com aquela que levaram a cabo aqueles que o autor designa como “reformadores de Nibrissense”; isto é, os jesuítas castelhanos – muito provavelmente o P<sup>e</sup> Juan Luis de la Cerda –, que, no início do século XVII, reformaram as *Introductiones latinae* (Salamanca 1481) de Antonio de Nebrija, aproximando-a das propostas racionalistas do Brocense. Esta informação – marcada, no texto, pelo focalizador pressuposicional ‘também’ –, poderá activar no alocutário implicaturas pragmáticas, na medida em que o Autor se apresenta implicitamente como “reformador” da tradição gramaticográfica latino-portuguesa.

Muito provavelmente por razões de natureza argumentativa, o tópico que primeiro e mais amplamente se desenvolve é o do método, estendendo-se ao longo dos segmentos B, D, e na primeira sequência do segmento D, enquanto que o segmento C é dedicado ao tópico discursivo do modelo epistemológico. No que se refere ao método, cabe indicar que tal se configura numa dupla vertente semântico-discursiva; a primeira, restrita, enquanto abordagem metodológica subjacente à obra; a segunda, geral e abrangente do processo de ensino-aprendizagem. A configuração, em B1, da vertente restrita é desenvolvida desde logo no pólo da inovação – de resto, positivo –, por contraposição implícita com aquele que subjaz à gramática estudada na altura e que deve integrar-se no pólo da tradição, se bem que seja adoptada uma posição de transigência perante os partidários da tradição gramatical, facto que é representado pelo locutor como uma restrição das potenciais qualidades dos pressupostos metodológicos da obra. Por esta razão, às características intrínsecas de clareza, facilidade, novidade contrapõe-se a de extensão do mesmo método, enquadrada, como se pode observar, no pólo da tradição – e portanto negativa. No entanto, em B2, para além de justificar tal critério, o locutor mitiga – ou neutraliza – a qualidade negativa invocada, através do argumento da selecção – e discriminação – de conteúdos a estudar pelo discente, marcada tipograficamente na obra. Por sua vez, a apologia do método no sentido mais abrangente é realizada em B3 por meio de argumentos causais, nos quais, além de os pressupostos metodológicos para o ensino do Latim serem expressos de forma sumária, me parece especialmente relevante a introdução do segundo eixo a que me referi, constituído pelos pólos uso / gramática. É preciso notar que a caracterização – mais ou menos explícita – que se faz da matéria gramatical é muito diferente dos fundamentos que subjaziam a outros manuais para o ensino do Latim; tal mostra-se diafanamente na sequência que finaliza B3: “o que não sabe traduzir em lingua materna a oração, que o mestre lhe resolve em suas partes naturaes, n<ão sa>be traduzir a materna na latina, nem mutilala confo<r>me o *vsō*, nem inteirala conforme a

<sup>3</sup> Itálicos meus. Sobre a reconstituição de partes do texto por meio de parênteses angulares, veja-se a nota correspondente ao Anexo.

*Grammatica*<sup>3</sup>” (Roboredo, 2007[1615]: 5). Neste sentido, a gramática integraria as regras que produzem apenas a formação de orações com todos os constituintes básicos...; por sua vez, o uso produz, pela sua legitimação através do cânone de autores, um discurso correcto e aceitável, não obstante a frequente omissão de determinados constituintes. Daí, também, a dicotomia opositiva gramática / arte, por meio da qual o locutor não faz senão contrastar as qualidades da sua “verdadeira gramática” com as das obras editadas anteriormente – artes; isto é, compilações de estruturas morfológicas e sintácticas deduzidas do uso e não da gramática –. O último argumento, desenvolvido em B6 e em B7, também relativo à apologia do método, explicita os agentes contrários às propostas do Autor – ou pelo menos críticos com elas – e que este enquadra, por meio da sequência “não sabem sair do que estudarão”, no eixo da tradição. Perante estes, o locutor realça a infalibilidade do método e, por oposição, a potencial ineptidão dos potenciais estudantes. Também não está ausente o desenvolvimento do eixo uso / gramática na alusão “fallar grammaticalmente” e “fallar latinamente”, para cuja legitimidade são convocadas as autoridades de Varrão, Quintiliano e – de novo – o Brocense.

O tópico relativo ao método tem uma projecção, por assim dizer, material no segmento D, no qual é descrita com certo pormenor a distribuição da matéria gramatical – invulgar na gramaticografia latino-portuguesa anterior –. Não parece casual a justificação, desenhada a partir de D2, da estrutura por comparação com as partes da retórica, na medida em que a sua obra se configura intencionalmente como material relevante para a disciplina auxiliar que era a gramática em relação com a arte oratória.

No que toca ao tópico discursivo sobre o modelo teórico, é desenvolvido no segmento C, configurando-se na sua totalidade em torno do eixo uso / gramática, se bem que o Autor não se detenha com tanto pormenor como seria de prever:

As concordias, regencias, & partes da oração, & outras regras, *ainda que em parte pareção fora do vso*, são fundadas em philosophia: & assi seruem para as outras linguas Grega, Hebraica, &c. que não he pequeno atalho, pois soo com declinar, & conjugar aduertindo as particularidades, que teuerem de genero, & preteritos, se podem perceber, despois <da L>atina<sup>4</sup> (Roboredo 2007[1615]: 6).

<sup>4</sup> Itálico meu.

O único exemplar que se conhece da *Verdadeira grammatica latina* – do qual recentemente foi publicada uma edição facsimilada (2007) – encontra-se muito estragado e, em muitos passos, mutilado. A fim de resolver a falta de letras ou de palavras, tento reconstruir o texto, que aparece entre parênteses angulares; em caso de impossibilidade de reconstituição, indico, entre parênteses angulares, por meio de pontos, cada uma das letras perdidas.

Tal síntese informativa é neutralizada pela expressão de uma premissa factual, na qual o locutor parece enquadrar exclusivamente a sua proposta teórica no pólo da gramática – enquanto fundamentada na *ratio* lógica –; a não ser que se queiram detectar traços polifónicos no emprego do verbo ‘parecer’ da oração concessiva... A ser correcta esta hipótese, os pressupostos linguísticos roboredianos poderiam abranger, portanto, os dois pólos. O único argumento, de tipo causal, centra-se na brevidade e na economia gramatical de um modelo epistemológico comum a todas as línguas, informação esta que parece evocar a fundamentação teórica da obra gramatical mais importante de Roboredo; estou a referir-me, como é bem conhecido, ao *Methodo grammatical para todas as linguas*.

No último segmento da produção discursiva em análise, partindo implicitamente do eixo tradição / inovação, o Autor, em E1, enquadra o propósito último da sua “gramática” – entendida esta no sentido restrito de conjunto de regras gramaticais que obedecem de forma exclusiva à *ratio* logica – no pólo da inovação, estabelecendo, por sua vez, no quadro da poli-destinação, duas categorias implicitamente opostas de Alocutários: aqueles que refere por meio do substantivo “próximo” – de conotação positiva ou, em todo o caso, neutra –, a propósito dos quais, por meio do uso recorrente do verbo intencional ‘desejar’, também sublinha a falta ou a necessidade, no panorama educativo português, de uma obra com as qualidades pedagógicas e linguísticas da *Verdadeira grammatica latina*. No pólo da tradição, enquadrado num acto ilocutório, inscreve-se o grupo de leitores que se poderiam integrar no referente do substantivo ‘censurador’, contra cujo previsível juízo avaliativo – negativo – o autor anuncia a segunda produção metadiscursiva que delimita a sua obra; estou a referir-me às *Obieções contra esta grammatica, & repostas a ellas*. Seja como for, o argumento contra o eventual juízo negativo do avaliador de novo se reforça por meio dos efeitos positivos do método utilizado na *Verdadeira grammatica latina*. Por outro lado, perante a implícita ameaça do juízo do ‘censurador’ e as contra-expectativas enunciadas em E1, o Autor, de forma explícita e recorrente, caracteriza quantitativamente os leitores; esta delimitação e o traço semântico-pragmático implícito de carência ou de necessidade oferecem uma justificação do autor – que poderia ser retórica, mas provavelmente corresponde a uma intenção real – da precipitação com que é publicada a sua obra gramatical.

4. De tudo aquilo que foi exposto até agora, pode concluir-se que a recorrente alusão à idoneidade dos modelos teórico e metodológico levada a cabo, no prólogo da *Verdadeira grammatica latina*, por Amaro de Roboredo, não obedece apenas a padrões retóricos, mas está também condicionada pela tentativa de mundança de paradigma linguístico – num contexto pedagógico-cultural em que a arte latina do P<sup>e</sup> Manuel Álvares era hegemónica nas aulas portuguesas de gramática –, e pelos efeitos negativos que aquela tentativa poderia suscitar nos docentes partidários do ensino do Latim por um manual mais próximo da gramática do *usus*. Daí o reforço

argumentativo construído em torno das *Obieções* – recurso este, até aquela altura, inédito, segundo os meus dados, na gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa –. Embora tais objecções se conseguissem sobrepor ao modelo pedagógico roborediano – não parece irrelevante o facto de a *Verdadeira grammatica latina* ter sido publicado numa só ocasião –, não há dúvida de que a tensão argumentativa que acabo de analisar é uma das poucas manifestações escritas provocadas pelo contexto didáctico-gramatical do Portugal de início de Seiscentos.

## BIBLIOGRAFIA

- Esparza Torres, Miguel Ángel, 2004, “De antiguos y modernos: gramática tradicional, tradición gramática y análisis gramaticográfico” in Corrales Zumbado, Cristóbal José, Josefa Dorta Luis, Antonia Nelsi Torres González, Dolores Corbella Díaz, Francisca del Mar Plaza Picón (coords.) *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003*, Madrid, Arco/Libros, vol. I, pp. 455-468.
- Esparza Torres, Miguel Ángel, 2005, “Los prólogos de Alonso de Molina (c. 1514-1585): destrucción de una ideología” *Península. Revista de Estudios Ibéricos*, 2, 2005, pp. 69-92.
- Fonseca, Joaquim, 2001, “O discurso da *Carta de Guia de Casados* (de D. Francisco Manuel de Melo)” in *Língua e Discurso*, Porto, Porto Editora, pp.143-268.
- Gómez Asencio, José Jesús, 2000a, “El prólogo como programa. A propósito de la *GRAE* de 1771” *Boletín de la Real Academia Española*, 80, pp. 27-46.
- Gómez Asencio, José Jesús, 2000b, “El prólogo como proemio: la *GRAE* de 1796” in Borrego, Julio, Jesús Fernández, Luis Santos & Ricardo Senabre (eds.) *Cuestiones de actualidad en lengua española*, Salamanca, Universidad de Salamanca; Instituto Caro y Cuervo, pp. 71-81.
- Gómez Asencio, José Jesús, 2002a, “El prólogo como advertencia: el caso de la *GRAE* de 1870”, in *IV Congreso de Lingüística General. Cádiz del 3 al 6 de abril de 2000*, Cádiz, Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, vol. III, pp. 1229-1240.
- Gómez Asencio, José Jesús, 2002b, “Los prólogos académicos de 1854 y 1858” in Esparza Torres, Miguel Ángel, Benigno Fernández Salgado & Hans-Josef Niederehe (eds.) *SEHL 2001. Estudios de Historiografía Lingüística. Actas del III Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística. Vigo, 7-10 de febrero de 2001*, Hamburg, Buske, vol. I, pp. 197-211.
- Gonçalves, Filomena, 2002, “O «Prólogo» e o «Catálogo de Autores» do *Vocabulário Portuguez e Latino*: as ideias linguísticas de Bluteau no contexto da historiografia da língua portuguesa” in Massini-Cagliari, Gladis, Clotilde de Almeida Azevedo Mu-

- rakawa, Rosane de Andrade Berlinck & Marymarcia Guedes (orgs.) *Descrição do Português: Linguística Histórica e Historiografia Lingüística*, Araracara; São Paulo, Laboratório Editorial da FCL/UNESP; Cultura Acadêmica.
- Gonçalves, Filomena, 2004, “*Prosopopeia del idioma portuquez a su hermana la lengua castellana* (1721): D. Rafael Bluteau y las lenguas peninsulares” in Corrales Zumbado, Cristóbal José, Josefa Dorta Luis, Antonia Nelsi Torres González, Dolores Corbella Díaz, Francisca del Mar Plaza Picón (coords.) *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003*, Madrid, Arco/Libros, vol. I, pp. 669-677.
- Gonçalves, Filomena, 2005, “Revisitando o texto preambular setecentista: a produção metalingüística em português” in Marques, M<sup>a</sup> Aldina, Erwin Koller, José Teixeira & Aida Sampaio Lemos (orgs.) *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 99-116.
- Jiménez Ruiz, Juan Luis, 2004, “La historiografía como vertiente diacrónica de la epistemología de la lingüística: propuestas de caracterización”, in Corrales Zumbado, Cristóbal José, Josefa Dorta Luis, Antonia Nelsi Torres González, Dolores Corbella Díaz, Francisca del Mar Plaza Picón (coords.) *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003*, Madrid, Arco/Libros, vol. II, pp. 895-907.
- Menéndez, Fernanda Miranda, 1997, *A “construção do discurso” setecentista: dos processos discursivos à história da língua*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Edição da Autora.
- Menéndez, Fernanda Miranda, 2005, “Estruturas do discurso polémico em português” in Marques, M<sup>a</sup> Aldina, Erwin Koller, José Teixeira & Aida Sampaio Lemos (orgs.) *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, pp. 171-182.
- Ponce de León Romeo, Rogelio, 2002, “O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do século XVII”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Série “Linguas e Literaturas”*, 19, pp. 491-520.
- Ponce de León Romeo, Rogelio, 2006a, “De pasiones gramaticales: en torno a las *Obieções contra esta Grammatica, & repostas a ellas* de Amaro de Roboredo”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 3, pp. 61-99.
- Ponce de León Romeo, Rogelio, 2006b, “Consideraciones sobre las ideas sintácticas de Álvaro de Cadaval (cc. 1505-1575) en el marco de la teoría gramatical renacentista”, in Roldán Pérez, Antonio, Ricardo Escavy Zamora, Eulalia Hernández Sánchez, José Miguel Hernández Terrés & M<sup>a</sup> Isabel López Martínez (eds.) *Caminos actuales de la Historiografía Lingüística. Actas del V Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística. Murcia, 7-11 de noviembre de 2005*, Murcia, Universidad de Murcia, vol. II, pp. 1257-1269.

Ponce de León Romeo, Rogelio, no prelo, “Nótulas sobre as gramáticas latinas de Amaro de Roboredo: Edições da mesma obra ou obras diferentes?” in *As artes de Prometeu. Colóquio de homenagem a Ana Paula Quintela*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Roboredo, Amaro de, 2007, *Verdadeira grammatica latina para se bem saber em breue tempo. Edição facsimilada*, estudo preliminar de Gonçalo Fernandes, Rogelio Ponce de León & Carlos Assunção, Vila Real, Centro de Estudos em Letras; Universidade de Tras-Os-Montes e Alto Douro [Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1615].

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Centro de Linguística da Universidade do Porto  
rromeo@letras.up.pt

## Anexo

### PROLOGO

(A) [1] A diligencia, que algũs teuerão em a<c>rescentar a Grammatica para que não ficasse diminuta, teuerão outros em a diminuir, para que não fosse superflua, que discursos de mortaes carecem de <c>onsistencia. [2] Fugindo pois extremos quanto pude, elegi do muito, o nece<s>ario, & de muitos o melhor, mais breue, & facil a quem imito. Este hê o Doutor Francisco Sanchez, a qu<e>m tambem seguirão os reformadores de Nibrissense no anno de nouenta, & oito, se elle não foi o principal. (B) [1] O methodo he o mais facil, que me ocorreu, ainda que largo por tocar com clareza cousas nouas, & satisfazer a velhas, sem o que não seria a nouidade bem aceita: porque o que stã acqui<rido co>m boa fee per longo tempo, he difficuloso deixar em breue. [2] Mas o discipulo decòre soamente os artigos apontados com esta dicção, Discipulo, & o mestre explique os que mostra esta, Mestre, para que fiquem entendidos: porq̃ nem o discipulo deue decorar tudo, nem a arte ser falta delle: bastão Nominatiuos, & Conjugações, Genero, & Preteritos, com as concordias, & regencias de casos em summa: & o trabalho empregara na muita explicação de liuros, em que consiste tudo, & dos quaes aprendemos hoje a lingua Latina. [3] Donde primeiro se ha de resolver, que compor: & logo hũa, & outra cousa reciprocamente, porque o que não sabe traduzir em lingua materna a oração, que o mestre lhe resolve em suas partes naturaes, n<ão sa>be traduzir a materna na latina, nem mutilala confo<r>me o vso, nem inteirala conforme a Grammatica. [4] <Mu>itos, ou quasi todos saem das scholas com a <arte> sabida a poder de tempo, & não sabem a Grammatica della, em q̃ primeiro se houuerão de habituar: [p. 6 = f. ¶3v<sup>o</sup>] como per exame se manifesta. [5] Recorramos pois com poucos preceitos decorados ao vso, que sendo continuo he bom mestre, & a solicita aduertencia bom discipulo: & nisto stã a breuidade. Seja a arte longa<, > ou breue, o vso dà o necessario, & o fixa na memoria; <…> faltas d’ella, assi como as descobre, encobre: & sendo as desta proprias de seu Autor, a outro se attribuirã, o que o não for.

[6] A muitos, q̃ se sabem, não sa<be>m sair do que estudarão, não pude bem persuadir a breuidade deste methodo: porem não faltando o trabalho do mestre (deixando ingenhos

tam excellentes, & laboriosos, que em seis meses esgotarão a Grammatica) os que em dez, ou doze a não perceberem, ou andão distrahidos, ou não studão, ou não teem ingenho natural para esta<, ... pa>ra as mais liberaes. [7] E sabida a Grammatica, dos liuros podem sem mestre saber a lingua latina; porque hũa cousa he fallar grammaticalmente, outra latinamente, como diz Varrão, Quintiliano, Sanchez, & outros. [8] Podem logo os principiantes reclamar o stylo que hoje corre, & pedir restituição do tempo que perdem.

(C) As concordias, regencias, & partes da oração, & outras regras, ainda que em parte pareção fora do vso, são fundadas em philosophia: & assi seruem para as outras linguas Grega, Hebraica, &c. que não he pequeno atalho, pois soo com declinar, & conjugar aduertindo as particularidades, que teuerem de genero, & preteritos, se podem perceber, depois <da L>atina.

(D) [1] Das dez diuisões, em que este methodo va<i> repartido, vão as vltimas cinco, como em circulo, porque por qualquer diuisão, ou artigo se pode começar, & [p. 7 = f. ¶4r<sup>o</sup>]fazer delle principio, ao qual recorrer<ã>o entr<...>o <n>a explicação duuida: & o artigo terceiro da diuisão. 5. <s>eruirá de registo de toda a Grammatica. [2] E por <s>er <a> primeira arte das liberaes, pareceo bem fazer com ella po<rt>a aas duas seguintes, para que a proporção de <entr>e ellas facilite ao principiante a apreensão. [3] Se ao orador pois da aa Logica para a sua oração, inuêção, & disposição, & a Rhetorica o ornamento, tâbê ao grammatico para a sua lhe offerece esta arte as primeiras quatro diuisões de <i>nuençaõ, & as cinco seguin<t>es de disposição, & <a> vltima para ornamento com <a> variedade de decli<n>ações, & figuras. [4] E se algũs Rhetoricos meterão na disposição a memoria, tambem lhe responde o artigo terceiro da diuisão <qu>inta, onde começa nossa disposição. [5] E se no fim de <seu ...> trattão a pronunciação da oração, tambem no fim do nosso ornato trattamos a pronunciação da dicção, & per consequente da mesma oração: Ia como orador, aquí como grammatico.

(E) [1] O intento de tudo, não he publicação de nome vão em cousa tal, & que qualquer melhor fezera, mas o proueito do proximo a quem lembro se deseja grammatica, que se aproueite, & ao censorador, que antes da sentença leã as repostas das objeções, que vão no fim: & se determina examinar affeito ao que studou, ou leo, não passe dâqui, porque vai o juizo suspeito, & <tu>do lhe descontentara: soamente fique sabendo, que <s>e pode per este caminho saber em hum anno, o que p<er o>utros em tres, & quatro, no cabo dos quaes fi<c>ão os <stu>dantes sufficientes para começar, perdendo gastos<, g>astando tempo irrecuperavel, recuperãdo re<...da>ões, & muitos com a difficuldade fogem do <qu>e desejo.

[2] [p. 8 = f. ¶4v<sup>o</sup>] <A pr>essa com que muitos desejarão esta Grammatica publicada, não deu lugar a fazer, & juntarlhe hum <mod>o de se ensinar, nem ainda a limar bem o que offereço ao curioso com a vontade que queria ser delle accepto. Vale.